Em uma calçada qualquer, sob o céu da cidade que acolhe todos, mas que também pode excluir, uma frase despontou e ecoou para muito além das fronteiras da rua. “Saudade é pior que pobreza”, disse uma moradora de rua, encapsulando, em poucas palavras, uma dor que ultrapassa a mera necessidade material e adentra os recônditos mais profundos da alma humana. Sua sentença não foi apenas uma constatação; foi um lembrete poderoso de que, independentemente de nossa condição social, há um território onde todos somos iguais: o das emoções.

O que significa, afinal, a afirmação de que a saudade é pior que a pobreza? Por que essa frase tão simples, dita em uma situação de extrema vulnerabilidade, ressoa de maneira tão profunda? A resposta talvez esteja no poder intrínseco da saudade, um sentimento que captura a essência do que nos torna humanos. Ao afirmar que a saudade é mais devastadora que a pobreza, essa moradora de rua trouxe à luz uma verdade fundamental: é o vínculo com aqueles que amamos e as memórias que carregamos que compõem o âmago de nossa identidade e, ao perdê-los, somos lançados em uma pobreza existencial para além do que qualquer privação material poderia impor.

Saudade como vínculo humano universal

Saudade, essa palavra tão portuguesa, é um dos sentimentos mais complexos de descrever. Não existe tradução precisa em muitas línguas. Ela envolve a lembrança de algo ou alguém que se perdeu, uma ausência que carrega uma dor singular e um desejo de retorno. É, por excelência, um sentimento de vínculo. Ao dizer que sente saudade, uma pessoa expõe seu laço afetivo com o passado, com alguém ou algo que foi significativo.

Esse sentimento, universal na experiência, é um ponto de encontro entre pessoas de diferentes classes sociais. A saudade de uma mãe que perdeu um filho é a mesma, independentemente de ela viver em um palácio ou sob um viaduto. Um empresário milionário e uma pessoa em situação de rua podem sentir a mesma dor ao recordar os pais

que não estão mais presentes, os filhos que se distanciaram, os amigos que partiram. Na saudade, todos os seres humanos são nivelados, tornando-se companheiros de uma mesma caminhada emocional, que não é definida por posses, mas pela riqueza de suas relações.

A pobreza emocional e a carência material

A frase “saudade é pior que pobreza” também aponta para uma visão sobre as carências humanas. Em uma sociedade cada vez mais movida por bens de consumo e pela busca por conforto material, as necessidades emocionais e afetivas, muitas vezes, são deixadas em segundo plano. A moradora de rua nos lembra que a ausência de algo profundamente significativo pode ser muito mais dolorosa que a falta de bens materiais. A pobreza, por mais devastadora que seja, é uma privação física; já a saudade é uma carência que transcende o físico e adentra o campo do existencial.

Para aqueles que vivem sem lar, sem segurança, sem a certeza do próximo dia, a saudade adquire um tom ainda mais pesado. A vida na rua, com sua precariedade e seus perigos, já é dura em si mesma, mas, como revela a declaração dessa mulher, é a ausência de conexões humanas que se torna a dor maior. As recordações de um tempo em que havia família, amigos e lugares queridos trazem à tona uma espécie de “pobreza afetiva”, uma fome emocional que não pode ser saciada com alimento ou abrigo.

A saudade como uma janela para a empatia

Ao dizer que “saudade é pior que pobreza”, essa moradora de rua também abre uma porta para que possamos desenvolver a empatia. A partir de sua frase, somos convidados a olhar para além das condições visíveis de pobreza e vulnerabilidade e a reconhecer a dimensão emocional e humana dos que vivem à margem da sociedade. Para muitos, a ideia de empatia com uma pessoa em situação de rua pode se limitar à compreensão de sua privação material, mas essa declaração convida a uma empatia mais profunda e complexa: a de

compartilhar o reconhecimento de uma dor que todos já experimentaram.

A frase da moradora de rua é um convite para que enxerguemos as pessoas não apenas por aquilo que possuem ou não possuem, mas pelo que sentem. Ao compreendermos que a dor da saudade é tão presente em uma pessoa sem lar quanto em alguém que habita um confortável apartamento, a barreira entre “nós” e “eles” se dissolve. Não se trata de romantizar a pobreza ou ignorar as necessidades materiais, mas de humanizar as pessoas para além das circunstâncias visíveis e lembrar que, no campo das emoções, todos somos vulneráveis e, de certo modo, iguais.

Uma reflexão sobre nossas prioridades

A afirmação “saudade é pior que pobreza” também nos provoca a refletir sobre as prioridades que estruturam a vida em sociedade. Vivemos em um mundo onde o sucesso muitas vezes é medido pela quantidade de bens acumulados e onde as políticas públicas nem sempre consideram o bem-estar emocional das pessoas. As políticas de assistência social são fundamentais para reduzir a pobreza, mas raramente abordam a solidão e a necessidade de vínculos humanos, aspectos que, como a frase da moradora de rua evidencia, podem ser tão devastadores quanto a privação material.

Há um longo caminho a percorrer para que a sociedade reconheça a importância do cuidado emocional e da criação de laços como parte do bem-estar. É necessário que o poder público, as organizações sociais e todos nós compreendamos que a dignidade humana vai além do acesso a bens materiais e inclui a possibilidade de manter conexões e de não ser esquecido.

Em busca de uma nova compreensão da riqueza

A frase “saudade é pior que pobreza” nos instiga a refletir sobre o que realmente significa ser rico. Em última análise, o que é a riqueza, senão a qualidade dos laços que cultivamos e mantemos ao longo da vida? Para aqueles que perderam tudo e vivem à margem, muitas

vezes, é a saudade que os mantém vivos, pois é a saudade que traz a memória de uma vida com significado. Essa frase carrega em si uma lição poderosa: o que nos define e nos mantém conectados como seres humanos é a profundidade dos nossos afetos.

No fim, a moradora de rua nos ensina que, mesmo nas situações de maior vulnerabilidade, a essência da experiência humana permanece intacta. Sentir saudade é, em certa medida, uma prova de que ainda estamos vivos e de que, independentemente de nossa condição material, somos todos parte de uma grande teia de sentimentos, recordações e afetos.